



GOUW, Arvin M.; GREEN, Brain Patrick; PETER, Ted (orgs.). **Religious transhumanism and its critics**. Lanham, MD: Lexington / Rowman & Littlefield, 2022. 494 p. ISBN 978-1-4985-8413-5.

Eduardo Rodrigues da Cruz*

A academia brasileira muitas vezes só conhece as possíveis relações entre religião e movimento transhumanista através de alusões e estereótipos. O presente volume ajuda a preencher essa lacuna, apesar de estar disponível apenas em inglês. Seus organizadores são Arvin M. Gouw, um cientista com pós-graduação em filosofia e teologia e que obteve seu Ph.D. em patologia pela Universidade Johns Hopkins; Brian Patrick Green, diretor de ética tecnológica do Markkula Center for Applied Ethics da Universidade de Santa Clara, Califórnia (CA); e Ted Peters, conhecido teólogo no campo da religião e da ciência e situado em Berkeley, CA.

O envolvimento religioso no transhumanismo não é novo e, no passado recente, vários livros foram publicados com objetivos semelhantes¹. Este volume, em particular, inclui autores que há tempos contribuem para esta discussão, como Celia Deane-Drummond, Noreen Herzfeld, J. Jeanine Thweatt, Hava Tirosh-Samuelson, Ron Cole-Turner e Ted Peters.

O prefácio foi escrito por Aubrey de Grey, um conhecido proponente da extensão radical da vida (RLE) e senescência insignificante. Pergunta-se, no entanto, qual é o papel desse prefácio no livro. O próprio autor expressa seu

Resenha recebida em 30 de novembro de 2022 e aprovado em 27 de abril de 2023.

* Doutor em Teologia pela Universidade de Chicago. Professor da PUC-SP. País de origem: Brasil. E-mail: erodcruz@puccsp.br

¹ Para citar apenas dois entre os livros multiautorais e academicamente mais respeitáveis: Ronald COLE-TURNER, org. **Transhumanism and transcendence: Christian hope in an age of technological enhancement**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2011. Calvin MERCER; Tracy J. TROTHEN, orgs. **Religion and Transhumanism: The Unknown Future of Human Enhancement**. Santa Barbara, CA: Praeger /ABC-CLIO, 2015.

desconforto, ao ser apresentado como transhumanista. Ele se vê apenas como um pesquisador da medicina do rejuvenescimento. Pode ser objeto de disputa se o que ele diz corresponde ao que faz, mas o fato é que sua obra mal é abordada nos capítulos seguintes.

No Prefácio, os organizadores definem o transhumanismo nos seguintes termos:

O termo, transhumanismo ou H⁺, refere-se a uma ideologia e um movimento que busca empregar tecnologia para avançar a civilização além do humano, para guiar a evolução por meio do aprimoramento tecnológico em direção a uma nova espécie pós-humana².

Em seguida, eles colocam uma questão que supostamente dá o tom em alguns capítulos, bem como em muitos trabalhos publicados nos últimos vinte anos: “O que há no H⁺ que atrai tanto os teólogos que eles querem adotar o transhumanismo em sua família religiosa?” Algumas linhas abaixo, eles fornecem uma resposta significativa: “O transhumanismo é, então, em sua raiz mais profunda, já um projeto religioso e teológico, quer seus proponentes o admitam ou não”. Eles veem três parceiros nesse diálogo: o transhumanismo secular, o transhumanismo religioso e o pós-humanismo filosófico ou crítico; depois apresentam um quarto interlocutor, o teólogo crítico.

Os organizadores se apresentam enquanto tais, fazendo teologia pública como “concebida na igreja, refletida criticamente na academia e mesclada com a cultura mais ampla para [seu] benefício”. Defendem assim uma teologia crítica pública. O principal alvo da crítica são os “esforços dos transhumanistas para se tornarem 'como deuses'”.

O livro é dividido em quatro partes desiguais. A Parte I (“Tecno-utopia? Para onde nos conduzem os transhumanistas?”) contém dois capítulos com propósitos programáticos. O de Ted Peters, “*Homo Deus* ou o Monstro de Frankenstein? Transhumanismo Religioso e seus Críticos,” cita o *Homo Deus* de Yuval Harari e dá ao leitor uma avaliação abrangente de H⁺ em uma perspectiva crítica de dentro da tradição cristã e do humanismo nela gerado. Ele então examina as principais tradições religiosas e suas (in) compatibilidades com o H⁺,

² As páginas do livro não são citadas pois o resenhista só teve acesso ao ebook, em formato epub.

resumidas em uma tabela didática. Peters é ambivalente em relação aos avanços tecnológicos: “Para cada avanço tecnológico, a propensão à opressão avança igualmente”. Uma crítica: embora ele cite vários dos autores que contribuíram para este volume, as citações são de obras anteriores, não de seus respectivos capítulos.

O segundo capítulo é “Estaremos nos tornando Deus (es)?”. Transhumanismo, pós-humanismo, anti-humanismo e o divino”, de Francesca Ferrando. “Pós-humanismo crítico” é o seu ponto de vista, significando “pós-antropocentrismo, pós-humanismo e pós-dualismo”. Ela aborda quatro questões de uma perspectiva filosófica: Estamos nos tornando Deus (es) (a busca pelo aprimoramento do humano e até de sua superação); Estamos brincando de Deus (es)? (as respostas dos bio-conservadores); Será que estamos realmente sendo Deus? (o pós-humanismo filosófico e o seu pós-dualismo); Estamos matando Deus (es)? (o anti-humanismo e a morte de Deus, Nietzsche em particular). A tecnologia é aí vista dentro de “uma evolução ontológica das manifestações omni-abrangentes do divino”.

A Parte II é intitulada “O que os transumanistas religiosos e seus críticos estão dizendo?” Contém oito capítulos de Lincoln Cannon (H⁺ Mormon); Michael LaTorra (Budismo); James Hughes (Unitário-universalismo); Heup Young Kim (confucionismo); Micah Redding (cristianismo); Ronald Cole-Turner (cristianismo, uma visão protestante com mais nuances); Brian Patrick Green (catolicismo romano); Brandon Gallagher (tradição ortodoxa cristã); e Hava-Tirosh-Samuelson (judaísmo). Enquanto os cinco primeiros capítulos defendem a compatibilidade com o H⁺, os três últimos são mais críticos, com Cole-Turner ficando um pouco no meio. Destaco o capítulo de Gallagher: ele aborda a doutrina da *theosis* enfatizando que, ao contrário de algumas opiniões favoráveis de teólogos, ela não é tão compatível assim com as propostas transhumanistas. Os capítulos dos transhumanistas religiosos assumem que “Essas sínteses da tecnologia H⁺ com sensibilidades religiosas são criativas e nobres”, mas não explicam direito o porquê.

A Parte III, “O futuro H⁺: quais são as questões?” está aberto ao que é chamado neste volume de “pós-humanismo crítico”, incluindo questões de

gênero. Cinco capítulos formam esta parte, por J. Jeanine Thweatt; Jay Emerson Johnson; Elisabeth Gerle; Peter I-min Huang e Iris Ralph; Whitney A. Bauman; e Markus Mühling. Do meu ponto de vista, o mais interessante é o capítulo de Gerle (professora de ética da Universidade de Uppsala, Suécia), intitulado “Cópula, masturbação e bots sexuais: implicações éticas da IA como minha parceira na cama”, enfatizando desenvolvimentos pouco éticos na IA hoje, impulsionados por apelos consumistas, uma tendência que pode questionar a dependência do H⁺ da alta tecnologia e do capitalismo.

A Parte IV, “O H⁺ é cientificamente embasado? Filosóficamente? Teologicamente?”, tem sete capítulos de Arvin M. Gouw; Noreen Herzfeld; Nelson R. Kellogg; Levi Checketts; Ilia Delio; Célia Deane-Drummond; Braden Molhoek; e um Epílogo, “Introduzindo uma Nova Teologia Transumanista” por Arvin M. Gouw. Dois dos capítulos, de Levi Checketts e de Ilia Delio, dialogam com o pensamento de Teilhard de Chardin, mas parecem pouco críticos tanto em relação a esse autor como ao H⁺.

O capítulo que me chamou a atenção foi “Em louvor de limites: compreendendo a mortalidade como uma aliada” de Kellogg. Ele é professor emérito de humanidades na Sonoma State University (CA), e traz profundas questões existenciais sobre o que significa ser humano, enfatizando a corporeidade e a historicidade: “viver deliberadamente em flagrante desrespeito. . . com quaisquer tradições de sabedoria . . . é a própria definição de um destino pior que a morte”. Ele aborda a questão da imortalidade presente tanto na proposta ainda corporificada da RLE quanto na perspectiva do upload da mente. Corporeidade significa sensibilidade à passagem do tempo, resultando em paciência e gratidão. “Sem conclusão, não há localização significativa no tempo para que os eventos ocorram. . . . crianças e adultos realmente precisam e prosperam na presença de limites significativos”.

No epílogo, Gouw propõe “o transhumanismo como um princípio hermenêutico que pode ser usado para construir uma *Teologia Sistemática Cristã Transhumanista* [itálico dele]”. Ele considera a “teologia tradicional” (ou uma versão estereotipada dela) como tendo uma “visão pessimista da natureza humana” e considera a “teologia da libertação como um modelo que podemos

imitar”. Este resenhista, que acompanhou o desenvolvimento e o declínio da teologia da libertação na América Latina, acha que Gouw erra o ponto dela, conforme defendido por Gustavo Gutierrez e outros no início dos anos 1970: não há razão para desenvolver uma nova teologia sem que seja baseada em um *efetivo* movimento de libertação. Quais seriam os paralelos no movimento transhumanista? A julgar pelas críticas contidas na maioria dos capítulos desse volume, quase nenhum. Pelo lado positivo, Gouw faz um grande esforço para recorrer a outros capítulos do volume, mas sem, talvez, compreender adequadamente suas críticas.

Os leitores que já conhecem o trabalho anterior dos colaboradores deste volume podem se perguntar sobre o que há aí de novo que faça valer a pena o preço salgado. Talvez para fazer uma reflexão crítica nos moldes de uma teologia pública, mas isso parece ainda pouco desenvolvido. Nesse sentido, um diálogo com diversas propostas de teologias públicas latino-americanas poderia ajudar. Por outro lado, o livro é altamente recomendável para os leitores que não conheçam esses trabalhos anteriores.

O leitor brasileiro parece se encaixar melhor aqui. Há certamente publicações interessantes sobre o transhumanismo aqui, do ponto de vista da teologia e da ciência da religião, mas nenhuma que ofereça o mesmo desse volume: quase 500 páginas de escopo interdisciplinar e interreligioso, o *know-how* da ciência e da tecnologia propaladas pelo H⁺, e a profundidade das críticas a ele. Nesse sentido, é um excelente volume para quem quer se iniciar no árduo estudo desse movimento tão atual.